

Qualidade muito expressiva de ARTUR NEIVA foi o seu nacionalismo. Não esse patriotismo demagógico das teatralizações inúteis. Mas uma atitude consciente de servir ao Brasil, de trabalhar pela conquista horizontal e vertical do nosso País. Essa determinação seria levada quase ao exagero, quando defendia teses como a de instituir um *Idioma Nacional*, consagrador de tôdas as contribuições autóctones ao vocabulário dos clássicos lusitanos. Acrescente-se: era um conhecedor profundo da língua portuguesa, quase uma autoridade em filologia, conforme de-

monstram os 20 artigos publicados no *Jornal do Comércio*, a partir de 1936. Tinha uma visão penetrante dos fenômenos. Via longe. Ia ao âmago das coisas. Possuía esse tesouro — a intuição — que eleva alguns homens a um plano superior ao dos demais.

A 5 de junho p. p. morreu Artur Neiva. Mais uma perda irreparável para todos nós, seus discípulos. Uma perda sobretudo para a Pátria, pela qual êle tanto trabalhou, lutou. Pela qual êle viveu.

## PROF. SOUZA CARNEIRO

A atividade científica do prof. SOUSA CARNEIRO se estendeu a vários campos do conhecimento humano. Foi a glória da sua geração — a geração dos primeiros vinte anos deste século — uma ampla curiosidade por todos os assuntos, uma insaciável necessidade de estudar tôdas as questões, inteiramente desconhecidas do grande público. Daí a aparente surpresa com que, hoje, vemos-lo, engenheiro civil da turma de 1904, a escrever uma série de monografias, quatro anos mais tarde, sobre espécies animais e vegetais da Baía ou a desenterrar a história do município de Nazaré, em trabalho apresentado ao V Congresso de Geografia. Um dos distintivos da sua atividade de cientista foi mesmo certo pendor — por vêzes imoderado — para a discussão teórica, para a interpretação de idéias gerais, para o caudilhismo intelectual. Era ainda uma característica da sua geração essa inclinação pelos problemas de maior amplitude, uma tendência que talvez se explique pelo caráter enciclopédico da cultura da época. Assim vemos o prof. SOUSA CARNEIRO a entrar pelos domínios do que chamou de “geometria contemplativa”, a explorar os temas da “ciência esotérica” ou a discutir problemas nacionais, sob a impressão do ambiente revolucionário de 1930, no livro *Comunismo, nacionalismo, idealismo*.

Os primeiros vinte anos da sua vida pública foram os mais fecundos da sua atividade de homem de ciência. Escreveu pequenas monografias de absoluto rigor científico sobre mamíferos, aves, répteis, batráquios, peixes, insetos, miriápodos, crustáceos, moluscos, plantas têxteis e vitaminais, plantas taníferas, plantas que produzem cêra, goma e resina, plantas lactescentes, plantas forrageiras, matérias corantes vegetais, plantas oleíferas, plantas medicinais,

madeiras de construção do seu Estado. Pertence a esse tempo o volume *Riquezas minerais da Baía*, hoje raríssimo, — uma visão de conjunto das riquezas do Estado, um trabalho que foi e continua a ser o *abecê*, o livro de cabeceira de todos os que desejam conhecer as possibilidades, os recursos minerais do solo baiano. Esse livro, aliás, bateu um verdadeiro *record*, pois conseguiu duas edições sucessivas — um total de 10 000 exemplares — no espaço de alguns dias. O volume recebeu o Grande Prêmio da Exposição Nacional de 1908. Com a Exposição Nacional de Borracha, em 1913, o prof. SOUSA CARNEIRO, representante do seu Estado, produziu três obras importantes — *A borracha no Estado da Baía*, que conquistou o primeiro prêmio do Ministério da Agricultura, *A indústria da borracha no Brasil* e uma brochura para divulgação no estrangeiro, *Rubber in Brazil*, que lhe valeu o segundo prêmio. Ainda durante a Exposição, realizou uma conferência no Palácio Monroe, no Rio, sobre “a bacia do São Francisco”, naturalmente com descrições literárias do grande rio brasileiro, — que conhecia palmo a palmo, — mas deixando nos seus ouvintes uma impressão real das possibilidades econômicas de um dos mais esquecidos elementos da riqueza nacional. O tema do São Francisco, aliás, seria retomado alguns anos mais tarde, com o V Congresso de Geografia, quando o prof. SOUSA CARNEIRO, ao lado de um trabalho teórico sobre “a nova orientação das monografias descritivas regionais”, recomendado pela assembléia como norma em trabalhos dessa natureza, estudou as “águas subterrâneas” da bacia do São Francisco, num ensaio único no seu gênero. Também desse período de larga fecundidade é o pequeno relatório sobre “a argila plástica do Retiro”, uma região abandonada da capital do seu Estado. E, por fim, os

seus trabalhos teóricos de geometria — *Tesouros da Geometria e Deduções da Geometria contemplativa* — completam o quadro vário dessa atividade que, como já foi dito, se interessou por todos os assuntos e encontrou motivos de trabalho em tôdas as estradas da ciência

Não parou aí, entretanto São des- ses vinte anos o volume *Limites intermunicipais*, que se refere a quase todo o Estado, o estudo de ecologia *A pesca da baleia*, as monografias descritivas sôbre *A cachoeira de Paulo Afonso* e *O morro e o santuário da Lapa* e trabalhos de divulgação sôbre o Brasil, para os Estados Unidos, *Copper in Brazil*, *Manganese in Brazil*, *Mineral resources of the State of Bahia*, e para a França, *Chanaan*. Também escreveu a crônica *Brazilian Freemasonry* para uma revista maçônica norte-americana.

Professor catedrático de Geologia na Escola Politécnica da Baía desde 1905, representante do seu Estado na Exposição Nacional de 1908 e na Exposição Nacional de Borracha de 1913, engenheiro-chefe da Comissão Geográfica e Geológica do Estado, chefe de estudos da "rede baiana" de estradas de ferro (que incluía o norte de Minas), superintendente dos serviços de gás e eletricidade do Salvador, professor da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio de Janeiro, — deixou bem viva a sua marca em todos os domínios por que se aventurou, em tôda parte em que empregou a sua prodigiosa capacidade de trabalho.

Mas é justo dizer, aqui, que os trabalhos da última fase da sua vida carecem, de certo modo, da estrita seriedade científica dos primeiros anos, que singulariza *As águas subterrâneas da bacia do São Francisco*, as *Riquezas mineiras da Baía*, *A borracha no Estado da Baía*, as dezoito monografias sôbre espécies animais e vegetais. A partir de

1932, uma profunda subversão se produziu na sua vida, até então inteiramente dedicada ao estudo e à pesquisa. Aposentado à fôrça, sem mais nem menos, por motivos políticos, da sua cátedra da Escola Politécnica, a que dera 30 anos de esforço inteligente e honesto, o prof. SOUSA CARNEIRO como que perdeu a sua razão de viver. Com as desacumulações, ficou reduzido a quase nada. Não se entregou, porém, e, depois de cerca de oito anos de estafante demanda nos tribunais, era reintegrado na sua cadeira de Geologia. Esses anos de contínuas decepções não somente lhe roubaram o estímulo como lhe estragaram a saúde. Certamente isso explica que tivesse escrito um livro sem base na realidade como *Mitos africanos no Brasil* e que se voltasse até para o romance de costumes antigos, em *Furundungo* e *Meu Menino*. Mas, já nos últimos tempos, quando a sorte começava a lhe sorrir de novo, apaixonava-se pela economia e pela estatística e, já prostrado pela doença que o devia vitimar, compunha um trabalho que deixou inacabado sôbre *Minérios de manganês na região de Bonfim*.

Pensa-se, agora, em fazer uma reedição das obras, hoje raras, do prof. SOUSA CARNEIRO, sôbre o seu Estado, sob o título geral de *Riquezas naturais da Baía*, e em republicar os seus trabalhos de geometria "contemplativa", escritos no vigor da idade madura. Mais tarde se fará, talvez, uma primeira edição de *As três chaves da língua tupi*, um grande estudo que deixou em manuscrito e que revelará uma nova face da sua inteligência — o lingüista

Morreu aos 61 anos, na Baía, deixando mais de cem trabalhos, muitos dos quais premiados, — um nome feito no Brasil e no estrangeiro

ÉDSON CARNEIRO